

RELAÇÕES DE SENTIDO METAFÓRICAS E NÃO METAFÓRICAS EM UM TESTE DE MEMÓRIA SOBRE REPRESENTAÇÃO LEXICAL

Tamara MELO de Oliveira*

ABSTRACT: This work aims to investigate whether there is any difference between metaphorical and non-metaphorical relations in a memory test presented in Melo(2009). The aim of this study was to assess the lexical representation of polysemous words through the replication of an experiment from Klein and Murphy (2001). The subjects of this experiment saw a polysemous word twice, in phrases that could use the same or a different sense of the word. Given the differences between the results of the two studies, Melo (2009) discusses methodological issues involving, among other things, the differences between sense relations of polysemous words. Departing from this discussion, we reanalyze the results from Melo (2009), isolating one type of sense relation – metaphor –, in order to investigate if there are significant differences between this type and the other ones. Our analysis shows no significant differences between metaphorical and non-metaphorical sense relations in the memory test.

KEYWORDS: metaphor; polysemy; lexical representation; memory test; methodological procedures.

1. Introdução

Neste trabalho, fazemos uma reanálise dos dados obtidos através do estudo de Melo (2009) sobre a representação mental de palavras polissêmicas. Fizemos essa reanálise isolando os resultados de um dos tipos de relação de sentido polissêmica – a relação metafórica – dos resultados dos demais tipos de relação de sentido. O estudo de Melo (2009) foi construído com base no primeiro experimento do trabalho de Klein e Murphy (2001), e foi realizado através de um teste de memória que objetivava medir a capacidade das pessoas de lembrar de palavras polissêmicas, quando essas eram usadas no mesmo sentido ou em um sentido diferente do de sua primeira apresentação. O objetivo desses experimentos era contribuir para o debate sobre a representação de sentidos polissêmicos, que pretende determinar se os diferentes sentidos de uma mesma palavra são armazenados separadamente ou se o são de forma conjunta, por meio de um único sentido, mais central ou nuclear, com sua especificidade determinada através do contexto.

Em um experimento como este, a escolha dos sentidos das palavras que compõem o teste parece ser de suma importância, pois sentidos de uma mesma palavra poderiam ter relações mais próximas entre si e, assim, tenderiam a se comportar de maneira diferente em um teste de memória do que aqueles com relações mais distantes. Como os resultados dos estudos de Melo (2009) e Klein e Murphy (2001) apresentaram divergências entre si, Melo (2009) considerou a possibilidade de essas divergências ocorrerem devido ao fato de existirem diversos tipos de relações polissêmicas e de a representação mental de cada um deles ocorrer de forma diferente. Assim, um dos testes pode ter utilizado palavras com relações muito diferentes das do outro teste, e isso pode tê-los levado a resultados divergentes.

Encontrar resultados diferentes no que diz respeito à memória de itens polissêmicos entre os dois testes (o original e o replicado por Melo (2009)) nos alertou para a importância de considerar a diversidade das relações entre sentidos polissêmicos e de tentar contribuir para a busca de cuidados metodológicos cada vez mais confiáveis. A partir disso, no presente

* Mestranda; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

trabalho, isolamos o tipo de relação metafórica dos demais, reanalisando os dados de Melo (2009), a fim de observar se há diferença de comportamento no teste de memória entre itens polissêmicos que apresentam relação metafórica e os que apresentam relações de outra natureza.

2. Experimentos anteriores

Klein e Murphy (2001) e Melo (2009), com seus experimentos, buscam contribuir para os estudos acerca da representação mental de palavras polissêmicas. Existem duas importantes visões a respeito desse tema, as quais são levadas em consideração no levantamento das hipóteses de trabalho. A visão do sentido único defende a existência de apenas um núcleo lexical, mentalmente representado, para cada palavra diferente. Dessa forma, os diferentes sentidos de uma palavra polissêmica não estariam todos armazenados na mente, mas somente um significado mais geral, sendo os sentidos específicos determinados a partir do contexto (RUHL, 1989). Segundo a visão do sentido separado, os sentidos mais comuns de um item polissêmico têm uma representação individual, não sendo esses sentidos determinados pelo contexto, mas escolhidos por ele entre os sentidos já existentes no léxico mental do falante (RICE, 1992 e TUGGY, 1993).

Os dois experimentos foram realizados através de uma tarefa verbal de memória que contou com uma lista de estudo e com uma lista de teste. Os participantes tinham de julgar, ao serem apresentados à lista de teste, se já haviam visto determinadas palavras na lista de estudo mostrada anteriormente. O objetivo do teste era medir os índices de memória para palavras polissêmicas que já haviam sido previamente apresentadas e verificar se há diferença significativa ao se comparar os índices obtidos quando as palavras eram utilizadas no mesmo sentido com os índices obtidos quando as palavras eram apresentadas em um sentido diferente do previamente apresentado.

A partir de cada uma das visões acerca da representação lexical da polissemia, brevemente apresentadas, foi derivada uma hipótese para os experimentos. Uma visão de representação única nos levaria a esperar que a condição em que o sentido testado é o mesmo do item previamente apresentado e a condição em que o sentido é diferente tivessem resultados semelhantes no teste de memória. Segundo essa hipótese, se espera que todos os sentidos de uma palavra sejam ativados quando ela é apresentada, uma vez que eles estão subordinados a uma mesma entrada lexical. Uma visão de representação separada nos levaria a esperar que a condição em que o sentido testado é o mesmo do item previamente apresentado e a condição em que o sentido é diferente tenham resultados diferentes no teste de memória. Segundo essa hipótese, a ativação de um sentido da palavra apresentada não ativaria os demais sentidos, uma vez que eles não estão subordinados a uma mesma entrada lexical.

2.1. Descrição do experimento de Melo¹

Para a construção das listas de estudo e de teste, foram utilizadas 24 palavras polissêmicas, que foram pré-testadas com o intuito de investigar quais eram os sentidos mais comuns identificados pelos falantes para cada palavra. No pré-teste, os participantes definiam

¹ No trabalho de Melo (2009) foram utilizados os mesmos procedimentos utilizados por Klein e Murphy (2001), com algumas alterações que estão descritas em Melo (2009). Também no trabalho de Melo (2009) pode ser encontrada uma descrição mais detalhada do experimento. Aqui omitimos alguns controles e cuidados, pois eles não comprometem o entendimento do experimento.

brevemente cada uma das palavras polissêmicas. Os dois sentidos escolhidos para comporem o teste principal eram aqueles que apareciam com mais frequência nas definições.

Determinados os dois sentidos mais comuns das 24 palavras que comporiam o experimento, foram criados dois sintagmas para cada um dos diferentes sentidos da mesma palavra. Assim, para cada palavra, havia quatro sintagmas. Por exemplo, o experimento de Melo (2009) utilizou o item *título*, que pode significar ‘nome de texto’ ou ‘predicado/atributo’. Então, para essa palavra, foram criados os quatro sintagmas seguintes.

Nome de texto	Predicado/atributo
<i>título da redação</i>	<i>título de nobreza</i>
<i>título em negrito</i>	<i>título de doutor</i>

Quadro 1 – Exemplo de sintagmas para uma palavra testada

As palavras utilizadas para formar, com a palavra polissêmica, cada sintagma deveriam fazer a distinção entre os sentidos, de forma a não deixar que nenhum sintagma ficasse ambíguo. Assim, *de nobreza*, junto a *título*, deveria guiar o participante apenas ao sentido de ‘predicado/atributo’ da palavra.

O experimento tinha duas etapas. Na primeira, os participantes viam os sintagmas em uma lista de estudo. Nesse momento, lhes era pedido que fixassem os sintagmas na memória, para que fossem testados na segunda etapa. A segunda etapa também era composta por sintagmas, mas, desta vez, a palavra polissêmica a ser testada aparecia em letras maiúsculas, a fim de ressaltar o item que os participantes deveriam julgar em seu teste de memória.

Na fase de estudo, os participantes viam os sintagmas em um de seus sentidos; por exemplo, *título da redação* ou *título de nobreza*, ou seja, havia duas listas de estudo. Na fase de teste, eles viam ou o mesmo sintagma visto na fase de estudo (condição *de mesmo sintagma*); ou outro sintagma, sendo usado no mesmo sentido (condição *consistente*); ou um sintagma em sentido diferente (condição *inconsistente*). Assim, *título da redação* teria **TÍTULO da redação** na condição de mesmo sintagma, **TÍTULO em negrito** na condição consistente, e **TÍTULO de nobreza** na condição inconsistente.

Para cada uma das duas listas de estudo, havia três listas de teste, com os itens divididos nas três condições. Elas deveriam ser igualmente divididas entre os participantes, para que eles não respondessem somente a uma condição; por isso, cada uma das listas era formada por oito sintagmas em cada condição, totalizando os 24 presentes na lista de estudo. Desta forma, havia seis listas de teste, e cada um dos sintagmas polissêmicos presentes era precedido por um sintagma em uma das três condições. A presença de duas listas de estudo se justifica por evitar que os resultados obtidos tivessem relação com o fato de um dos sentidos ou um dos sintagmas ser mais familiar ou mais fácil de lembrar do que o outro.

2.1.1. Participantes

Participaram deste experimento 60 estudantes do curso de Letras da UFRGS, 42 do sexo feminino e 18 do sexo masculino. Nenhum deles havia participado do pré-teste.

2.1.2. Procedimento

A aplicação do teste foi coletiva, nas salas de aula dos participantes, com o auxílio de um *datashow*. Os 48 sintagmas de cada lista de estudo eram apresentados aos participantes,

que haviam sido instruídos a prestar bastante atenção neles, pois, mais tarde, seriam testados quanto a sua memória. Cada sintagma aparecia na tela por dois segundos, seguido de dois segundos de tela em branco, até o aparecimento do próximo sintagma. Todos eles apareciam em preto, no centro de uma tela branca. Cada sintagma era visto apenas uma vez. Os *foils* eram distribuídos entre os sintagmas polissêmicos de forma randomizada.

Ao final dessa fase, os participantes recebiam instruções orais a respeito da fase seguinte (lista de teste). As respostas eram dadas em um bloco de folhas. Era dito a eles que cada bloco teria, em cada folha, um sintagma semelhante aos que eles haviam acabado de ver na tela, porém, desta vez, uma das palavras estaria em letras maiúsculas. Junto a cada sintagma, haveria um *sim* e um *não*; então, era pedido que os participantes marcassem um “X” no *sim*, caso eles se lembrassem de ter visto a palavra em letras maiúsculas na fase de estudo, ou um “X” no *não*, caso eles não se lembrassem. Pedia-se que eles lessem o sintagma inteiro, pois, embora somente a palavra em maiúsculas devesse ser julgada, as demais poderiam servir como dica para a memória. Também se pedia que eles respondessem na ordem em que os sintagmas apareciam; que, ao responderem a um deles, imediatamente passassem para o seguinte; que não pulassem nenhum; que cuidassem para não passar duas folhas juntas, para que nenhuma das respostas ficasse em branco; e que eles respondessem o mais rápido possível. Ao final das explicações, eles poderiam esclarecer dúvidas.

2.1.2. Resultados

Os participantes tiveram, no estudo de Melo (2009), 65,42% (dp = 19,34) de acerto na condição de mesmo sintagma, 49,81% (dp = 17,01) na condição consistente e 42,45% (dp = 18,41) na condição inconsistente. Por exemplo, considerando que a palavra *título* era inicialmente vista no sintagma *título da redação* (que utilizava o sentido de ‘nome de texto’), sua recordação foi maior quando o sintagma apresentado na fase de teste também era *título da redação*; a recordação foi menor quando o sintagma apresentado na fase de teste era *título em negrito* (que também utilizava o sentido de ‘nome de texto’, porém em um sintagma diferente); a condição em que era apresentado o sintagma *título de nobreza* (que utilizava o outro sentido da palavra, ‘predicado/atributo’) obteve a menor média de acertos.

Apesar de haver uma diferença entre as condições consistente e inconsistente, essa diferença não foi estatisticamente significativa, diferentemente do resultado do experimento de Klein e Murphy (2001). Dessa forma, os resultados obtidos por Klein e Murphy (2001) sugeriam que a representação dos itens polissêmicos é feita de forma separada, corroborando a visão do sentido separado; e os resultados encontrados em Melo (2009), por sua vez, corroborariam a hipótese de que os sentidos estão subordinados a uma representação única, já que os itens polissêmicos foram igualmente lembrados quando estavam na condição consistente e na inconsistente.

3. Problematização

Frente a esses resultados divergentes, Melo (2009) nos conduz a uma pequena reflexão sobre o que poderia ter causado essa diferença. Uma hipótese plausível é a de que a diferença seja devida ao tipo de relação existente entre os sentidos de um mesmo item polissêmico. Ou seja, a escolha dos itens lexicais, em seus sentidos, pode ter determinado os resultados dos experimentos em questão.

Melo (2009) aponta outros problemas na elaboração do teste, no que diz respeito à escolha dos itens e de seus sentidos. Um deles é relativo à escolha dos itens que comporiam o pré-teste: não foi verificada, por exemplo, a frequência com que essas palavras são usadas na

língua, ou o grau de familiaridade dos falantes em relação a elas. Uma palavra pouco comum para os participantes poderia chamar mais a atenção do que as outras, contribuindo para um aumento nas taxas de memória para esse item, inclusive quando o item aparecesse em outro sentido.

Uma questão também muito importante na confecção do instrumento diz respeito à dificuldade de escolher os dois sentidos de cada palavra a serem utilizados no teste de memória. Encontrar os dois sentidos mais comuns a partir das definições feitas no pré-teste exige o estabelecimento de uma delimitação de fronteiras, pois é preciso agrupar as definições de acordo com os sentidos que apresentam. Melo (2009) apresenta essa questão de forma detalhada. Aqui cabe ressaltar que a escolha dos sentidos pode ser feita de forma mais abrangente, abarcando mais usos, ou de forma mais restrita.

Além de verificar o grau de relação entre os diferentes sentidos de uma palavra polissêmica, temos de pensar de que forma esses diferentes sentidos são relacionados. Existem alguns tipos de relação muito comuns, como objeto/substância (por exemplo, *algodão*, que pode significar a planta e o tecido feito da planta), ou texto/objeto contendo tal texto (por exemplo, *monografia*, que pode se referir ao trabalho em si ou ao conjunto de folhas que contém esse trabalho). Outras relações também são muito comuns, como é o caso de relações metafóricas ou metonímicas. Um exemplo da primeira é encontrado no item *base*. Esta palavra pode ser entendida como um suporte físico (*base da casa* ou *base da pirâmide*) ou, em seu uso metafórico, como um suporte abstrato (*base teórica* ou *base do relacionamento*). Um exemplo da segunda é encontrado na palavra *cabeça*, que pode, entre outras coisas, se referir à parte do corpo ou ao corpo como um todo (*ele se feriu na cabeça* ou *vendi mil cabeças de gado*).

Melo (2009) ressalta que atentar para esses diferentes tipos de relação é importante, pois cada um deles pode ser representado de forma diferente. Essas diferenças de representação podem, por sua vez, acarretar diferenças de processamento que poderiam influenciar os resultados de testes de memória. Os resultados do experimento de Melo (2009) e do de Klein e Murphy (2001) podem ter sido influenciados por essas diferenças; contudo, em nenhum deles essa variável foi considerada na montagem dos testes. Trata-se de uma variável que pode ter provocado a diferença entre os dois estudos. Como sugere Melo (2009), parece necessário classificar os tipos de relação existentes entre os dois sentidos de cada palavra testada para obter resultados mais confiáveis. Os resultados dessa classificação podem ser utilizados como variáveis do experimento.

Tendo em vista as deficiências metodológicas discutidas acima, não se pode dizer que os resultados de Melo (2009) corroboram a visão do sentido único de representação lexical, apesar de não se ter encontrado diferença significativa entre a condição consistente e a inconsistente. Da mesma forma, também não se pode afirmar que os resultados de Klein e Murphy (2001) favorecem de maneira inequívoca uma visão de sentido separado.

Considerando as propostas de Melo (2009), tentamos contribuir para o desenvolvimento das pesquisas experimentais a respeito da representação lexical de itens polissêmicos, através da reanálise dos dados obtidos com o experimento de Melo (2009). Pretendemos verificar se, ao isolarmos um dos tipos de relação polissêmica dos demais, obteríamos resultados diferentes. O tipo de relação escolhido para essa reanálise foi o metafórico. Dessa forma, separamos, dentre os 24 itens testados, aqueles que apresentavam uma relação metafórica entre seus dois sentidos utilizados no experimento.

4. Critérios para identificação de metáfora

O método utilizado para identificar quais das relações de sentido polissêmicas eram metafóricas tem como base o Procedimento de Identificação de Metáforas – PIM (PRAGGLEJAZ GROUP, 2007). As etapas desse procedimento envolvem:

1. Leitura e entendimento geral do texto/discurso²;
2. Determinação das unidades lexicais a serem analisadas;
3. a) Determinação do significado contextual das unidades analisadas;
 - b) Busca por um significado mais básico do que o significado utilizado no contexto;
 - c) Comparação das duas unidades: se a unidade analisada tem um significado mais básico do que o utilizado no contexto, decidir se o significado contextual se opõe ao significado mais básico, mas pode ser entendido em comparação a ele;
4. Em caso afirmativo, marcação da unidade como metafórica.

Segundo o Pragglejaz Group (2007), os significados mais básicos tendem a ser mais concretos (mais acessíveis aos sentidos), relacionados ao funcionamento do corpo, mais precisos, historicamente mais antigos, ainda que não necessariamente mais frequentes. A partir disso, então, foi feita a análise dos itens.

A aplicação do procedimento será ilustrada com os seguintes itens da lista utilizada no experimento: ‘base’ e ‘resistência’. Como o experimento trata de dois sentidos de uma mesma palavra, esses dois sentidos foram considerados na etapa 3. a). Para a determinação do significado mais básico, foi utilizado o *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2001). Também utilizamos esse dicionário como auxílio na definição dos significados contextuais dos itens utilizados no experimento. Abaixo, seguem os dois exemplos.

4.1. Base

Os sintagmas utilizados no experimento que contêm o item ‘base’ são apresentados no quadro abaixo. Cada coluna é formada por dois sintagmas que utilizam o mesmo sentido da palavra.

PALAVRA	SINTAGMAS 1	SINTAGMAS 2
Base	base da casa base da pirâmide	base teórica base do relacionamento

Quadro 2: Sintagmas do item *base*

O sentido do item nos contextos do primeiro grupo (“Sintagmas 1”) foi identificado como: “1 tudo que serve de sustentáculo ou de apoio; a parte inferior de alguma coisa, considerada como seu suporte; aquilo sobre o qual alguma coisa repousa ou se apóia” (HOUAISS, 2001, pág. 410). O sentido do item nos contextos do segundo grupo (“Sintagmas 2”) foi identificado como: “5 *p.metf. (da acp. 1)* parte ou aspecto essencial de alguma coisa; princípio, origem” (HOUAISS, 2001, pág. 410).

O significado mais básico encontrado coincidiu com o significado utilizado nos contextos do item em “Sintagmas 1”. Dessa forma, foi feita a comparação entre os dois

² Como as unidades analisadas neste trabalho não fazem parte de um texto, esta etapa não foi realizada.

significados encontrados e percebeu-se um contraste entre eles, podendo um ser entendido em comparação ao outro. Pode-se perceber que há um significado abstrato para ‘base’ no grupo “Sintagmas 2”, que poderia ser entendido em comparação ao significado mais básico dessa palavra, pois o ponto de princípio/origem de uma teoria, por exemplo, pode ser entendido como o “alicerce” dessa teoria, podendo ser feita uma comparação entre teorias e construções, uma vez que sendo usado neste último contexto, ‘base’ teria o significado mais básico da palavra. Assim, o item ‘base’ foi considerado metafórico em seu uso em “Sintagmas 2” em relação ao seu uso em “Sintagmas 1”. Essa relação foi, então, marcada como metafórica na reanálise dos dados do experimento.

4.2. Resistência

Os sintagmas utilizados no experimento que contêm o item ‘resistência’ são apresentados no quadro abaixo. Cada coluna é formada por dois sintagmas que utilizam o mesmo sentido da palavra.

PALAVRA	SINTAGMAS 1	SINTAGMAS 2
Resistência	resistência do chuveiro resistência queimada	resistência política resistência a mudanças

Quadro 3: sintagmas do item *resistência*

O sentido do item nos contextos do primeiro grupo (“Sintagmas 1”) foi identificado como: “14 peça má condutora de eletricidade, introduzida em um circuito com o fim de consumir parte apreciável da força eletromotriz da corrente que por ele circula” (HOUAISS, 2001, pág. 2438). O sentido do item nos contextos do segundo grupo (“Sintagmas 2”) foi identificado como: “4 recusa de submissão à vontade de outrem; oposição, reação” (HOUAISS, 2001, pág. 2438).

O significado mais básico encontrado foi “1 qualidade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo 2 o que se opõe ao movimento de um corpo, forçando-o à imobilidade” (HOUAISS, 2001, pág. 2438). A comparação do significado do item utilizado no contexto de “Sintagmas 1” e o significado mais básico não foi considerada metafórica, ao passo que foi considerada metafórica a comparação entre o significado de “Sintagmas 2” e o significado do item mais básico. Entretanto, isso não significa que esse item tenha sido marcado como metafórico na reanálise dos dados de experimento, pois, para nossos fins, não basta identificar que há metáfora, temos que verificar se existe uma relação de metáfora entre os dois significados dos sintagmas utilizados no experimento. Dessa forma, como não foi identificada uma relação de comparação entre os significados de “Sintagmas 1” em relação a “Sintagmas 2”, essa relação foi marcada como não metafórica para a reanálise dos dados.³

5. Análise e discussão dos resultados

Depois de termos decidido quais, dentre as 24 palavras utilizadas no experimento de Melo (2009), tinham relação de metáfora entre seus dois sentidos, procedemos à recodificação dos dados de Melo (2009), isolando a variável metáfora, criando, assim, dois grupos de

³ Um quadro com todos os sintagmas utilizados no experimento e a marcação da existência ou não de relação metafórica entre os sintagmas está presente no apêndice 1.

análise – metáfora e não metáfora. A análise dos resultados foi feita através do programa R, utilizando um teste de análise de variância (ANOVA).

Os resultados mostram que não há diferença significativa entre os índices de memória para itens com relação metafórica em comparação com os itens que não têm relação metafórica. Quando se tratava de itens com relação metafórica, os participantes tiveram 65% (dp = 27,18) de acerto na condição de mesmo sintagma, 45,11% (dp = 19,92) na condição consistente e 39% (dp = 13,70) na condição inconsistente. Quando se tratava de itens com relações de natureza não metafórica, os participantes tiveram 65,52% (dp = 17,19) de acerto na condição de mesmo sintagma, 51,05% (dp = 16,23) na condição consistente e 43,36% (dp = 19,51) na condição inconsistente. Assim como nos resultados gerais, não houve diferenças estatisticamente significativas entre as condições consistente e inconsistente em nenhum dos dois grupos (metáfora e não metáfora), para nível de significância de 5%. Além disso, também consideramos importante analisar os resultados no que diz respeito às possíveis diferenças entre os grupos para cada condição. Dessa forma, analisamos a significância dos índices de memória na mesma condição entre os dois grupos e também não encontramos diferença estatisticamente significativa.

Os resultados não oferecem evidências de que a representação mental de palavras polissêmicas com relação metafórica entre seus sentidos ocorra de forma diferente da representação mental de palavras polissêmicas que tenham outros tipos de relação. Entretanto, tais resultados também não oferecem evidências contrárias à existência de formas distintas de representação de acordo com o tipo de relação dos sentidos de uma palavra, uma vez que somente os resultados dos índices de memória para as relações metafóricas foram isolados.

A não existência de diferenças significativas pode ter se dado, por exemplo, pela possibilidade de existirem alguns tipos de relação com índices consideravelmente mais altos e outros com índices consideravelmente mais baixos do que os índices de memória do tipo de relação metafórica. Isso produziria, quando analisados todos os itens sem relação metafórica, uma média nos resultados. Por exemplo, digamos que, em comparação com o tipo de relação metafórica, quando existe uma relação de metonímia, os índices de memória sejam muito baixos e, quando existe uma relação de matéria/substância, os índices sejam muito altos. Dessa forma, a análise estatística poderia não mostrar diferenças significativas entre itens metafóricos e não metafóricos, mas, quando a análise fosse feita, por exemplo, entre itens com relação metafórica e itens com relação metonímica, encontraríamos diferenças significativas.

6. Considerações finais

Apesar de não termos encontrado diferença estatisticamente significativa entre as relações metafóricas e as não metafóricas no teste de memória, isso não indica que as diferenças entre tipos de relação não possam ter influenciado os resultados dos estudos anteriores. Essa ainda nos parece a hipótese mais plausível para justificar a diferença encontrada entre os dois testes. Vale lembrar que, neste trabalho, isolamos apenas uma das possíveis relações existentes entre os sentidos de uma palavra polissêmica. Dessa forma, o tipo de relação metafórico poderia ter um comportamento semelhante a todos os outros tipos de relação considerados em conjunto, mas não necessariamente teria comportamento semelhante a cada tipo de relação considerado individualmente.

Ainda nos restam dúvidas metodológicas que podem ser sanadas na continuação desses estudos. Seria interessante se pudessemos isolar todos os tipos de relação e compará-los. Também poderia ser produtivo construir outro experimento que utilizasse somente casos prototípicos dos tipos de relação escolhidos. Esse novo experimento poderia contar com um

número igual de palavras em cada tipo de relação, pois se tivermos, em um teste, por exemplo, somente uma palavra com relação de metonímia entre seus sentidos, os resultados não seriam confiáveis para o fenômeno da metonímia como um todo, e sim para aquele caso específico. Além disso, como sugeriu Melo (2009), parece necessário controlar também a familiaridade das palavras utilizadas no experimento, bem como sua frequência na língua. Esse controle pode ser feito através de um pré-teste, utilizando uma escala Likert (LANG, 1980), a fim de que possam ser utilizados nesse tipo de teste somente itens com frequência e familiaridade similares.

Apêndice 1

PALAVRA	SINTAGMAS 1	SINTAGMAS 2	METÁFORA
Base	base da casa base da pirâmide	base teórica base do relacionamento	sim
Bloco	bloco de folhas bloco de anotações	bloco de gelo bloco de concreto	sim
Corrente	corrente de aço corrente de bicicleta	corrente de e-mails corrente de oração	sim
Coluna	coluna vertebral coluna dolorida	coluna de concreto coluna do prédio	não
Combinar	combinar a roupa combinar as cores	combinar um encontro combinar a fuga	não
Contar	contar os minutos contar os degraus	contar uma história contar uma mentira	não
Grau	grau celsius grau negativo	grau de risco grau de aproveitamento	não
Terra	planeta terra rotação da terra	terra natal terra santa	não
Impressão	impressão a laser impressão colorida	impressão positiva impressão equivocada	sim
Linha	linha de costura linha de pesca	linha do equador linha de fronteira	sim
Natureza	natureza local natureza preservada	natureza do relacionamento natureza da entrevista	não
Nota	nota da prova nota máxima	nota de rodapé nota do editor	não
Laranja	laranja do céu laranja azeda	roupa laranja caneta laranja	não
Passagem	passagem para paris passagem de ônibus	passagem secreta passagem subterrânea	não
Programa	programa de férias programa de índio	programa de auditório programa de televisão	não
Resistência	resistência do chuveiro resistência queimada	resistência política resistência a mudanças	não
Segundo	segundo lugar segundo reinado	centésimo de segundo segundo decisivo	não
Seleção	seleção criteriosa seleção de músicas	seleção brasileira seleção de vôlei	não
Sentido	sentido da palavra sentido ambíguo	sentido horário sentido da rua	sim
Sujeito	sujeito misterioso sujeito bacana	sujeito elíptico sujeito da sentença	não
Fita	fita mimosa	fita de vídeo	não

	fita brilhosa	fita cassete	
Título	título da redação título em negrito	título de nobreza título de doutor	não
Faixa	faixa de cabelo faixa de judô	faixa de travessia faixa de pedestre	não
Uniforme	uniforme do time uniforme escolar	procedimento uniforme movimento uniforme	não

Referências

- HOUAISS, A. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KLEIN, D. E.; MURPHY, G. L. The Representation of Polysemous Words. *Journal of Memory and Language*, v. 45, p. 259–282, 2001.
- LANG, P. J. Behavioral treatment and bio-behavioral assessment: Computer applications. In: SIDOWSKI, J. B.; JOHNSON, J. H.; WILLIAMS T. A. (eds.) *Technology in mental health care delivery systems*. Norwood, NJ: Ablex, 1980. p. 119-137.
- MELO, T. *Um estudo sobre a representação mental da polissemia: procedimentos metodológicos em um teste de memória*. 2009. 54f. Monografia (Licenciatura em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- PRAGGLEJAZ GROUP. “MIP: a method for identifying metaphorically used words in discourse”. In: *Metaphor and Symbol*, Santa Cruz (US), v. 22, n. 1, p. 1-39, 2007.
- RICE, S. Polysemy and Lexical Representation: The Case of Three English Prepositions. In: *Proceedings of the fourteenth annual conference of the Cognitive Science Society*. Hillsdale: Erlbaum. 1992. p. 88-94.
- RUHL, C. *On Monosemy: A Study in Linguistic Semantics*. New York: State University of New York Press, 1989.
- TUGGY, D. Ambiguity, polysemy, and vagueness. In: GEERAERTS, Dirk (org.) *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1995. p. 167-184.